



SINDICATO

QUE NÓS

QUEREMOS



Liga Comunista Internacionalista

Uptown Cinema

## I N T R O D U Ç Ã O

Esta brochura que agora editamos contém o PROGRAMA DE ACÇÃO SINDICAL da Liga Comunista Internacionalista, já publicado no nº 5 do nosso jornal "Luta Proletária".

Pretendemos com esta nova edição fazer chegar a um maior número de camaradas as nossas posições no terreno da luta sindical dos trabalhadores.

Num momento em que os capitalistas intensificam os seus ataques contra os direitos económicos, sociais e políticos dos trabalhadores - e nomeadamente quando tentam dividir a classe operária, as suas lutas e organizações com a manobra do "pluralismo sindical" - é mais do que nunca necessário discutirmos o tipo de sindicato que queremos, quais os objectivos da luta no terreno sindical, qual a organização democrática da vida sindical, etc.

Defendemos um sindicato de luta anti-capitalista, uma organização de combate à exploração e à reacção capitalistas, de defesa de melhores condições de vida e de emprego para os trabalhadores, de defesa dos seus direitos sociais e políticos. Do mesmo modo, queremos um sindicato que seja um instrumento da solidariedade internacional dos trabalhadores, de apoio às lutas dos nossos camaradas em todo o mundo, de combate contra o imperialismo e o neo-colonialismo.

Por outro lado, e ao mesmo tempo que defendemos um sindicato único por ramo de indústria, ao mesmo tempo que defendemos a UNICIDADE SINDICAL a todos os níveis, pensamos que ela só será possível através de um funcionamento totalmente democrático e do reconhecimento dos direitos das tendências sindicais, no seio da mesma central sindical, a CENTRAL SINDICAL ÚNICA DOS TRABALHADORES PORTUGUESES.

Nas fábricas, nas minas, nos escritórios, nas herdades, etc, organizemos a discussão do sindicato que queremos, na luta pela criação de verdadeiros sindicatos ao serviço da luta anti-capitalista das massas, ao serviço da libertação total dos trabalhadores, da revolução socialista.

LIGA COMUNISTA INTERNACIONALISTA

Os operários militantes da L.C.I. defenderão em cada fábrica e em cada assembleia sindical um sindicato que seja um instrumento efectivo na luta contra a exploração capitalista.

Embora seja necessário demonstrar concretamente em cada ocasião o porquê da organização e acção sindical que defenda, a L.C.I. propõe desde já a todos os operários e trabalhadores dispostos a lutar de facto contra a exploração capitalista o seguinte:

1-Para a organização permanente e nacional de todos os operários e trabalhadores, para a luta das mais largas massas de operários fabris e trabalhadores rurais contra a repressão e exploração capitalista, para combater as tentativas do patronato em nos dividir lançando a concorrência entre as diversas profissões, categorias e regiões; no sentido do reforço da consciência, da mobilização de todos os trabalhadores:

-Lutemos pela substituição imediata da organização sindical por profissões, pela organização sindical por ramos de indústria, pois é esse o melhor meio de unir a luta de todos os trabalhadores duma empresa contra os seus patrões, e os operários dum ramo de indústria contra o seu explorador. Lutemos para a que cada empresa corresponda um só sindicato e não como na Lisnave 24 ou como na Tinez 14. Só quando tal convier aos trabalhadores (no caso de sindicatos por profissões que se mostraram mais combativos sob o fascismo e cuja força e acção seria prejudicada pela divisão ou para evitar que elementos não operários dominem os sindicatos operários) é que se deverão permitir sindicatos por profissões.

-Lutemos por um sindicato único, organizado por ramos de indústria federado à escala regional e confederado à escala nacional. Um tal sin



dicato só pode ser construído a partir dum congresso sindical nacional da Inter-sindical precedido por amplas discussões nas empresas e nos sindicatos.

-Recusemos o chamado pluralismo sindical que só pode dividir e portanto enfraquecer a nossa luta. Mas lembremo-nos que um sindicato único deve ser inseparável de mais larga democracia proletária no interior de um tal sindicato.

2-Lutemos pela fusão dos sindicatos similares (CTT e TLP, etc) seguindo o exemplo da fusão num sindicato dos lanifícios, dos alfaiates, costureiras e profissionais têxteis. Mas lutemos por um tal objectivo dum modo revolucionário, pondo o problema directamente diante dos sindicalizados nos locais de trabalho e levando mais tarde o debate até às reuniões no seio das uniões regionais e dos próprios plenários na Inter-sindical.

-Denunciemos as manobras dos que preferem manter dividida a classe operária, a perderem o seu domínio sobre os sindicatos (caso da tentativa de formação dum sindicato dos plásticos, da manifestação anti-greve do dia 3 de Junho, caso da condenação de vários sindicatos da luta das camaradas dos CTT e dos TAP sem consulta dos operários que pretendem representar).

3-Os sindicatos só poderão defender verdadeiramente os interesses dos trabalhadores se não se adaptarem à sociedade capitalista, se as direcções sindicais não se tornarem parte do aparelho de Estado burguês por mais democrático que este seja. A participação do dirigente sindical Avellino Gonçalves, enquanto Ministro do Trabalho no Primeiro Governo Provisório foi um primeiro passo na integração da Inter-sindical no aparelho de Estado. Isto é tanto mais eviden

te quanto esta participação foi contra as próprias decisões anteriores da Inter-sindical.

-Lutemos pela independência total e incondicional dos sindicatos (da Inter-sindical) face aos capitalistas e ao seu Estado. Lutemos para que nem mais um só dirigente se torne ministro capitalista.

4-Contra as tentativas das direcções reformistas em imporem nos sindicatos o seu controle burocrático com que procuram impedir que o desenvolvimento das lutas ponha em causa as bases da sociedade capitalista; no combate por uma verdadeira democracia proletária nos sindicatos, isto é, pela condução da organização e da luta sindical pelos próprios trabalhadores; na luta pelo controle dos sindicalizados sobre as direcções sindicais; no combate contra o decreto sobre o direito à greve que é um decreto anti-greve.

-Lutemos para que todas as tendências minoritárias e em particular as listas derrotadas se possam reunir nos sindicatos e exprimir-se na imprensa sindical. Renunciemos todos os que negam um tal direito elementar como sucedeu após a eleição no sindicato dos escritórios à lista B que colheu mais de 20% dos votos e a quem foi recusada a sala do sindicato para reuniões.

-Exijamos o direito de acesso à imprensa sindical e às conferências e congressos sindicais dos diversos grupos operários formados nos sindicatos proporcionalmente à sua influência. Exijamos a convocação regular de conferências e congressos sindicais regionais e nacionais.

-Lutemos para que nenhuma decisão seja imposta aos trabalhadores pelas cúpulas sindicais; lutemos para que os delegados e dirigentes sindicais sejam eleitos responsáveis e substituíveis pelos trabalhadores.

TODA A ACÇÃO DOS DIRIGENTES E DELEGADOS SINDICAIS DEVE NASCER DAS DISCUSSÕES E VOTAÇÕES DOS TRABALHADORES EM ASSEMBLEIAS GERAIS

5-A base da tática sindical deve ser a acção directa das massas e dos sindicatos contra o capital, sobretudo, quando como hoje, o capitalismo lança uma ofensiva conjunta contra a classe operária (decreto sobre a greve, e reunião, decreto que proíbe a diminuição da jornada de trabalho), só uma política agressiva dos sindicatos pode rejeitar a ofensiva do capital, manter as conquistas económicas e sociais recentemente alcançadas e passar de novo à ofensiva.

-Utilizemos as nossas armas de classe na acção sindical. Utilizemos as paralizações, as greves e as manifestações de rua (como o fez em Setembro o sindicato dos têxteis e Vestuários do Sul). Utilizemos as ocupações dos lugares de trabalho, a oposição violenta à saída dos produtos das empresas ocupadas e outro tipo de acções capazes de combater a exploração capitalista e unir a classe operária na luta pelo socialismo. Trata-se de recorrer à única arma capaz de fazer recuar o patronato.

6-Os CCT dos sindicatos fascistas eram não só um meio de dividir os operários e trabalhadores por distritos, profissões e categorias mas também um jogo em que a principal regra era a de que os operários nunca poderiam ganhar, já que os patrões tinham sempre a última palavra (arbitragem).

-Exijamos a revogação imediata dos CCT anteriores sempre que tal nos convenha. Só assim poderão ser estabelecidos novos acordos baseados na correlação de forças entre os capitalistas e a classe operária que agora é mais favorável aos trabalhadores.

7-Os contratos de que tipo forem são sempre um

através do qual os patrões procuram resolver "a frio" a questão dos salários mantendo além disso os salários por um ou dois anos enquanto aumentam os preços e os ritmos de trabalho.

-Façamos sempre os acordos na base de mobilizações operárias pois isso obrigará os patrões a ceder muito mais do que se as negociações forem feitas sem a realização de assembleias, paralizações ou greves.

8-As reivindicações que os operários impõem aos patrões devem fazer-se por fábrica, ramos de indústria e por vezes à escala nacional. Elas não devem ser o resultado de negociações travadas nas costas dos operários, entre as direcções sindicais e as organizações patronais (CIP, etc.), nem o resultado de propostas apresentadas pelas burocracias sindicais aos operários e a que estes apenas podiam dizer sim ou não.

-Lutemos para que as reivindicações dos trabalhadores impostas aos patrões nos acordos sejam discutidas e votadas nas assembleias dos operários a quem elas dizem respeito.

-Não aos contratos. No melhor dos casos o contrato é um mal menor, o salário decide-se na luta.

9-Os capitalistas têm de planificar a sua produção e os seus lucros, por vários anos dado o elevado montante dos seus investimentos. Por isso procurarão fixar contratos por um certo número de anos concedendo por vezes aumentos anuais de salários para melhor enganar os operários.

-Combatamos os contratos que nos atam de pés e mãos durante vários anos.

-Lutemos sempre que o pensarmos necessário e possível contra os acordos fixados. O patrão fará o mesmo logo que a relação de forças o permitir.



10-A maior parte das direcções dos sindicatos contém hoje as nossas lutas, condenando as greves travadas fora do quadro sindical, isolando e denunciando os operários revolucionários e chegando mesmo a afirmar como fez a direcção do Sindicato de Material Eléctrico do distrito do Porto, que "é preciso saber dizer não à greve".

Se assim continuarem a actuar as direcções sindicais constituirão cada vez um travão à nossa luta, procurando diminuir a sua energia e adiá-las o mais possível e insistindo em negociações prévias mesmo quando, como sucedeu na Habor, Timex, Lisnave, Sogantal, etc., os patrões respondem com provocações às reivindicações operárias.

-Não às negociações sem que a luta tenha criado uma relação de forças que nos seja favorável. Não ao adiamento das greves. Não às negociações com os patrões que não se mostrem dispostos a negociar. Não às negociações pelas negociações. As greves têm de ser levadas a cabo quando forem mais convenientes para nós e não para os patrões.

11-Para impedir que as greves alcancem os seus objectivos, para poderem preparar-se eficazmente contra as nossas lutas os capitalistas e o seu estado bonapartista militar com o seu governo de colaboração de classes (aliança do PCP - partido ligado à classe operária - com partidos burgueses como o PPD) fixaram pré-aviso de greve, através do famigerado decreto sobre o direito de greve. Se avisarmos os patrões de que tencionamos fazer greve ele poderá satisfazer as encomendas reforçar e pôr em local seguro os "stóks", podendo aguentar sem prejuízo semanas ou mesmo meses de greve.

-Liberdade total e incondicional de greve!

-A greve é a principal arma dos operários e trabalhadores!

-Recusemos o pré-aviso de greve!

-Lutemos pela revogação total do decreto anti-greve!

-Lutemos para que o patrão não possa mexer nos "stoks" em caso de greve obtendo o apoio dos trabalhadores dos armazéns e dos transportes de mercadorias e formando piquetes que impeçam a sua utilização.

12-Os revolucionários devem defender nos sindicatos a possibilidade de aí se discutirem e tomarem decisões práticas sobre questões políticas (guerra colonial, etc.) bem como as posições dos diversos partidos políticos reclamando-se da classe operária e em particular sobre as suas plataformas sindicais. Lutemos pela liberdade de expressão política nos sindicatos.

13-É necessário defender os sindicatos operários contra as investidas e a insolência dos bandos fascistas e da reacção em geral.

-Formemos destacamentos operários para a defesa dos sindicatos dos assaltos da reacção.

14-A sindicalização obrigatória a pesar de aparentemente oferecer vantagens tem o grande inconveniente de não responsabilizar a direcção sindical e, pelo contrário, permitir a sua passividade. Num sindicato de adesão livre as direcções sindicais são obrigadas, caso não queiram perder completamente (ou ver reduzida) a sua base, a um esforço de consciencialização política dos ainda não sindicalizados e a atraí-los para o sindicato o que só pode ser feito através de uma defesa intransigente dos seus interesses mais prementes.

-Lutemos por um sindicato de filiação não obrigatória.

## OS DELEGADOS SINDICAIS

Para que possam ser efectivamente os trabalhadores a deter a iniciativa da luta pelos seus interesses; para que os sindicalizados possam exercer um controle efectivo sobre as acções de direcção e toda a vida sindical; para que o sindicato seja um instrumento vivo de luta do proletariado é necessário criar as estruturas necessárias para uma participação crescente da massa dos trabalhadores sindicalizados nas discussões e decisões sindicais.

Os elementos decisivos para impulsionar essa participação são os elementos sindicais. Estes deverão desencadear e dirigir as lutas sindicais na fábrica ou na zona, informar os trabalhadores dos seus interesses e do melhor meio de os defenderem. Realmente, os delegados sindicais podem e devem servir de elo de ligação entre a direcção sindical regional e nacional e os trabalhadores que os elegerem.

-Elojamos para delegados sindicais os camadas mais activas, mais conscientes e portanto mais capazes de defenderem os nossos interesses impondo-se firme e resolutamente aos interesses dos patrões e do seu estado.

### 1-CONTRA A INFLAÇÃO E A VIDA CARA

Durante anos a forma de dominação fascista dos capitalistas permitiu aos industriais e banqueiros obter grandes lucros á custa dos nossos salários miseráveis. Por isso agora que se abriram novas possibilidades de luta mais de que nunca é altura de lutarmos:

-contra os baixos salários, contra o salário de fome de 3.200\$00, lutemos por um salário mínimo de 6.000\$00.

Só nós podemos lutar eficazmente contra a inflação. Nós bem sabemos que os produtos de primeira necessidade têm aumentado a ritmos assustadores nos últimos tempos. Isso é devido a que os capitalistas, industriais e banqueiros querem recuperar algumas das regalias que foram obrigados a ceder depois do 25 de Abril pelas nossas lutas, pretendem agora reajustar os seus lucros, ou até mesmo aumentá-los provocando a inflação. Como o capitalismo é, portanto, a nossa exploração se mantém, em breve o aumento geral dos preços nos fará voltar à situação anterior.

-lutemos pela escala móvel dos salários!

-lutemos para que os salários subam com os preços, calculemos todos os dois meses os preços para os dois meses próximos e exijamos que os salários subam tanto como os aumentos previstos.

-não confiemos nos numerosos falsificadores dos capitalistas mesmo que se leve a cabo a anunciada "reorganização dos serviços de Estatística". Os capitalistas só declaram para as estatísticas o que bem entenderem.

-formemos grupos de trabalhadores dentro do sindicato, ou conjuntamente com outros sindicatos, podendo inclusive agrupar os residentes dos bairros para os calcularmos nós próprios. Obriguenos os patrões a aceitar as nossas reivindicações de aumentos de salários, segundo o aumento de custo de vida.

## 2-CONTRA A DIVISÃO DOS TRABALHADORES E A HIERARQUIA DE SALÁRIOS

Os capitalistas procuram dividir-nos através da desigualdade de salário. Exijamos como os camaradas da Siderurgia do Seixal, da Re -



finaria da Sacor:

-A trabalho igual, salário igual para homens, mulheres, jovens e velhos, imigrantes ou não.

Os patrões procuram ainda dividir-nos em mil categorias dentro de cada profissão para nos o porem uns aos outros durante os contratos. Não contentes com isso procuram dar aumentos em per centagens o que alarga o leque de salários.

-lutemos contra as categorias artificiais. Exijamos aumentos iguais para todos, a começar por um aumento imediato de 1.500\$00.

3-Contra a previdência capitalista, contra a medicina doente do capital, contra os elevados preços de habitação e transportes.

-lutemos por 100% do salário desde o primeiro dia de doença, reforma ou desemprego.

-Exijamos medicamentos e assistência médica e ficientes e gratuitos.

-Reforma aos 50 anos . Lutemos por um sistema de segurança social controlado pelos trabalhadores. Exijamos um mês e meio de férias com o salário de dois meses.

Exijamos a adaptação automática das reformas, subsídios, pensões, etc., aos aumentos dos pre ços.

Nenhum aumento dos preços dos transportes e das casas. Habitação digna para os trabalhadores. Lutemos pela inclusão do tempo de transportes no horário da trabalho, ou seja, lutemos para que sejam os patrões a pagar os custos dos trans portes.

-Contra os despedimentos, contra os ritmos de trabalho e as horas extraordinárias. O novo governo ainda não legislou sobre os despedimentos, os ritmos de trabalho e as horas extraordinárias. Mas a verdade é que os capitalistas não esperam por essa legislação para encerrarem as fábricas que não lhe dão lucro, para despedirem trabalha dores quando introduzirem novas máquinas, para

acelerarel os ritmos e multiplicarem as horas extraordinárias lançando para a rua, o desemprego e a miséria dezenas de milhares de tra**ba**lhadores.

-Não deixemos que haja despedimentos sem que lhes seja garantido trabalho na mesma zo**na** e na mesma categoria.

-Recusemos o aumento dos ritmos, trabalho a prêmio ou a tarefa e as horas extraordinárias. Decidamos nós próprios os ritmos de trabalho. O prêmio máximo deve passar a fazer parte do salário de base, o mesmo sucedendo com os prêmios de assiduidade, de pro**du**ção. O prêmio máximo deve ser igual para todos e estabelecido a partir do maior pré-mio dos últimos 6 meses.

4-Se a fábrica ou a empresa e por maioria da razão se o patrão recorrer ao "lock-out" como sucedeu no "Século", ocupemo-la e se se tratar de uma grande empresa exijamos a sua nacionalização sob o controle dos trabalha**do**res.

-Lutemos fazendo paralizações ou greves até à admissão dos despedidos. Amanhã pode ser a nossa vez.

-Quando o patrão disser que não há trabalho para todos, exijamos a divisão do trabalho existente pelos braços disponíveis. Trabalhe**mos** todos menos para que todos tenham trabalho e sem diminuição de trabalho **SALÁRIO**.

-Lutemos pela passagem imediata à semana de 40 horas sem diminuição de salário, sem amento de ritmos ou horas extraordinárias. Recu**se**mos energicamente qualquer tentativa de aumentar a semana de trabalho.

Muitas vezes os patrões para tentarem justificar a sua recusa em nos aumentarem os salários, para fazer despedimentos ou encerrarem empresas, afirmam que o seu negócio atravessa graves dificuldades ou dizem mesmo que estão

alidos. Não podemos permitir que os negócios dos capitalistas sejam um segredo dos capitalistas. Nós temos tanto direito como os patrões de conhecer as fraudes da empresa, do trust, do ramo da indústria, de toda a economia nacional. Sempre que se travar uma luta pelo aumento de salários, sempre que se discuta o aumento da produtividade ou os efeitos de alguma reivindicação económica é preciso:

-Recusar discutir de olhos fechados. Exijamos as cartas na mesa. Exijamos a abertura do livro de contas. O sindicato deve publicar os segredos comerciais, os acordos dos capitalistas na sua empresa.

-Devemos numa tal luta pedir a técnicos da nossa confiança que nos ajudem, mas é preciso sermos nós a controlar os "stocks", as novas máquinas e os custos de produção.

5-Contra os fascistas, contra os servidores dos patrões que cometem abusos de autoridade:

-Saneamento de todos os fascistas e reaccionistas.

-Formemos nos sindicatos comités de vigilância anti-fascistas com a função de sanear a empresa ou a fábrica.

-Cada vez que o encarregado ou o chefe de equipa cometer abusos ou exigir de mais lutemos pela sua demissão. Elejamos nós próprios um ou vários camaradas por secção.

6-Contra a "cogestão", a "participação", a colaboração de classes.

Os capitalistas sempre procuraram atrelar os operários e trabalhadores à carroça dos seus interesses acenando-lhes com a "cogestão" e a "participação". É contra o interesse da classe operária que os trabalhadores façam parte da administração das empresas ou participem em qualquer forma de cogestão. Mesmo quando alguns trabalhadores se sentam na administração

não podemos esquecer que as empresas continuam a existir no seio das mesmas relações de produção capitalista, que continuam a ser empresas capitalistas, mesmo que sejam nacionalizadas, mesmo que sejam os trabalhadores a tomarem todas as decisões. A actuação das leis do mercado imporá na mesma os ritmos de trabalho, as horas extraordinárias, os despedimentos e o trabalho perigoso destas empresas sob a pena de irem à falência e portanto dos trabalhadores ficarem desempregados. E o que é pior serão os trabalhadores que estão na administração quem terá de decidir e executar.

-Não aceitemos a participar nas administrações das empresas no quadro do capitalismo. Não é a administração que oprime e explora os trabalhadores mas as relações de produção capitalistas.

-Não ajudemos os patrões a rentabilizar as suas empresas, sentando-nos ao seu lado nas administrações.

## 7-CONTRA A ORGANIZAÇÃO DA REACÇÃO

Organizemo-nos em piquetes de vigilância anti-fascista, impedindo reuniões de fascistas, impedindo o seu agrupamento dentro dos sindicatos, exigindo o seu saneamento completo.

-Formemos destacamentos para defendermos os sindicatos de todas as tentativas dos reaccionários a impedir o desenvolvimento da nossa organização.

-Quando de golpes reaccionários vigiemos as comunicações e toda a actividade dos fascistas como fizeram os camaradas dos CTT e boicotemo-las.

## 8-PELA LIGAÇÃO AOS OUTROS SINDICATOS

Durante as lutas saiamos para a rua, organizemos manifestações de informação às fábricas



próximas, à população em geral para pedir aos outros trabalhadores que lutem ao nosso lado. Formemos grupos no sindicato para informar os outros camaradas nas fábricas e bairros.

#### 9-PELO FIM COMPLETO DAS GUERRAS COLONIAIS E DA EXPLORAÇÃO COLONIAL

-Lutemos energeticamente através de manifestações de rua pela independência imediata para Cabo Verde e Angola. Lutemos pela imediata transferência de poderes para o MPLA, FRELIMO, MLSTP e FRETILIN, não aos governos provisórios.

#### 10-CONTRA OS DECRETOS ANTI-OPERÁRIOS

O direito à greve é o único direito efectivo que a classe operária usufrui no regime capitalista. Como tal deve ser defendido como um direito incondicional.

-Lutemos pela revogação imediata dos decretos repressivos sobre a greve e reunião.

-Direito incondicional à greve!

-Não ao pré-aviso!

-Não à arbitragem obrigatória.

-Liberdade de formação de piquetes de greve ou de outros instrumentos para a aplicação das decisões maioritárias.

-Liberdade total para as greves políticas e solidariedade!

-Liberdade incondicional para a ocupação de lugares de trabalho!

#### 11-OS SOLDADOS E MARINHEIROS TAMBÉM SÃO TRABALHADORES

Os capitalistas sempre procuraram dividir os trabalhadores em fato de trabalho dos trabalhadores fardados isolando estes últimos nas casernas impedindo a sua organização.

-Exijamos a liberdade de reunião e imprensa dos

soldados e marinheiros.

- Lutemos para que os soldados e marinheiros se possam organizar sindicalmente de modo a defenderem os seus interesses.

- Apoiemos todas as lutas e reivindicações dos nossos irmãos fardados.

## LIGA COMUNISTA INTERNACIONALISTA

(publicado no nº 5 de "Luta Proletária")

JORNAL OPERÁRIO COMUNISTA - INTERNACIONALISTA

proletários  
de todos os países  
unamo-nos !



# Luta proletária